



**ESCOLAS DE SAMBA E PATRIMÔNIOS AFETIVOS:
ENTRE VIDA E CARNAVAL.**

Suzete Montalvão Fraiha*

***Universidade Federal do Pará**

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo os acervos de duas escolas de samba de Belém: o Rancho não Posso me Amofina e a Embaixada Império Pedreirense. Trata-se de um olhar museológico sobre os acervos de samba abrigados nas sedes e nas casas de integrantes dessas agremiações. Procuramos pensar as relações estabelecidas com os objetos salvaguardados, as narrativas de memórias produzidas através dos objetos e dos significados neles contidos. O propósito refletir sobre acervos e constituição de acervos para além dos muros dos museus, entender o especial processo de musealização envolvido na seleção, guarda, conservação e exposição das “coisas do samba”, feito pelas escolas de samba em suas sedes e por sambistas nas residências particulares. A pesquisa atenta para as motivações, os sentimentos que levaram a constituição e salvaguarda dos acervos. O trabalho se desenvolveu através de pesquisa em campo com entrevistas semiestruturada com os brincantes das escolas de samba de Belém e dos registros de imagens para análise dos resultados pesquisados.

Palavras chaves: Escola de Samba, acervo, memória, afetivo e museu

Abstract: The present work has as object of study the collections of two schools of samba of Belém: the Rancho não Posso me Amofina and the Embaixada Império Pedreirense. It is a museological look at the samba collections housed in the headquarters and houses of members of these groups. We try to think of the relations established with the safeguarded objects, the narratives of memories produced through the objects and the meanings contained therein. The purpose is to reflect on the collection and the creation of collections beyond the walls of museums, to understand the special process of musealization involved in the selection, guard, conservation and exhibition of "samba things", done by samba schools at their headquarters and by samba artists in private residences. The careful search for the motivations, the feelings that led to the constitution and safeguard of the collections. The work was developed through field research with semistructured interviews with the students of the samba schools of Belém and of the records of images to analyze the results researched.

Keywords: School of Samba, collection, memory, affective and museum



3º sebra mus

Introdução

O museu pode ser visto como um espaço de salvaguarda de objetos, agenciamento da cultura material e sua transformação em memória. Todavia, nesta pesquisa partimos do princípio de que outros espaços têm a mesma potência. Movimentos de aquisição, descarte e salvaguarda, de transformação de coisas (MILLER, 2013) em fontes de narrativas memoriais que ocorrem fora dos museus. Com um olhar sensível podemos pensar nessa espécie de musealização da vida cotidiana ainda nas nossas casas, onde selecionamos o que guardar e o que se desfazer, o que lembrar e o que esquecer, transformando, por conseguinte, o sentido das coisas. Há uma musealidade, então, nos processos de constituição de memórias e de patrimônios afetivos que sustentam nosso “museu particular”; nossa museália é acumulada e ressignificada ao longo da vida sem que percebamos o conteúdo museológico disso.

Desse modo, pensamos que as manifestações da cultura popular são boas para pensar o que temos chamado de uma espécie de musealização de objetos fora dos museus. Escolhemos as escolas de samba da cidade de Belém do Pará levando em consideração a força dessas agremiações na cidade e sua expressividade diante de outras brincadeiras de carnaval paraenses. As escolas de samba de Belém constroem ao longo de anos muitas histórias, enredos, música, fantasias, encontros, enlaces, desencontros e desafetos, tudo traduzido nas coisas que guardam e nas narrativas, em constante transformação, que eles detêm.

Durante a construção do carnaval do ano seguinte, desde a concepção do enredo ao desfile na Aldeia Cabana, o que a antropóloga Maria Laura Cavalcanti (1995) chama de “processo ritual do desfile”, muitas coisas são produzidas como figurinos, adereços e carros alegóricos, um trabalho coletivo. Tais coisas, no entanto, em poucos minutos após o desfile perde sua função original, e quando não são descartados definitivamente, ou guardados para reaproveitamento no desfile do ano seguinte, será salvaguardado como objeto de memória, dentro da escola de samba ou na casa dos brincantes de samba, ganham a nova função. A museologia, como área do conhecimento preocupada com o patrimônio e a memória pode contribuir para analisar o lugar das coisas na vida social das escolas de samba e de seus



3° sebra mus

componentes. As coisas ocupam não apenas o espaço físico da escola ou da casa, mas são elos materiais entre o passado e o presente.

Ao adentrar no universo do carnaval, nas sedes das escolas de samba de Belém escolhidas para a pesquisa, nos deparamos não apenas com sedes sociais onde acontecem festas, ensaios e projetos sociais, elas são verdadeiros espaços de memória com coisas, testemunhos materiais, espalhados por todos os lados, das paredes aos armários. Guardam memórias de uma vida de samba desconhecida por muita gente da cidade, de várias vidas que se conectaram pelo carnaval e agora também pelas memórias de carnaval. Despertam narrativas, biografias, fatos e versões, falam de gente e de Belém. As sedes, grandes artefatos, transformam-se em lugares de abrigo para acervos constituído de modo intuitivo, numa musealização possível, irrefletida, orgânica.

Entretanto, tais acervos estão articulados com outros acervos, àqueles guardados na casa dos brincantes e ex-brincantes, que misturam com mais potência as memórias afetivas, particulares, e as coletivas, compartilhadas. Roupas, fotografias, documentos, adereços que dizem respeito a carnavais específicos, quando a escola ganhou ou perdeu, mas também dizem respeito às memórias individuais, ao que o brincante viveu.

A pesquisa como objetivo principal iluminar a existência desses acervos, ou de um grande acervo interligado que se ramifica e se instala nas sedes das escolas de samba e nas casas dos brincantes. Como se constitui, quais objetos são guardados, quais histórias abrigam, ou, em suma, iluminar processos de produção de memória que se revelam nessa espécie de musealização fora dos museus. Atentar para as transformações de sentidos de um objeto de carnaval que passa a ser objeto de memória, as motivações e sentimentos que levaram ao processo de seleção, de salvaguarda e exposição nos espaços das escolas de samba e locais privados como salas, quarto, gavetas e armários das residências dos sambistas, evidenciando, assim, as relações afetivas que se estabelecem entre o colecionador e o objeto.

Para esta pesquisa seguimos as pistas deixadas por Mário Chagas (2002) que também esteve atento aos processos de produção de memória nas escolas de samba. Para ele o patrimônio cultural da escola de samba é a pessoa e ainda o espaço (a quadra), a materialidade



3º sebra mus

(o pavilhão, o instrumento, a fotografia...), e a imaterialidade (as relações, as casas, as amizades, o amor...). O patrimônio das escolas de samba, para Chagas, “é preservado dentro e fora dos sambistas.”.

Estamos ainda alinhados com o trabalho do antropólogo Vinícius Natal (2010 e 2016) que realizou pesquisas sobre memória e escola de samba a partir de acervos do departamento cultural do Acadêmicos do Salgueiro (RJ) e na casa de um dos fundadores (o único ainda vivo), Djalma Sabiá, detentor de muitas coisas com as quais promove o processo rica e complexo de fusão entre as memórias individuais de sua vida de samba e das histórias do carnaval do Rio de Janeiro e do Salgueiro. A ideia de Natal é entender tanto a sede da Escola quanto a casa de Djalma como lugares de elaboração de memória e constituição de acervo.

Também alinhados com a ampliação do conceito de objeto, inadvertidamente proposto por Daniel Miller (2013), a proposta de coisas atende à variedade de elementos que fazem parte desses acervos. Miller (2013) faz pensar além da materialidade sem perdê-la de vista, o que ajuda a reflexão museológica, pois é a circulação de coisas que cria a sociedade. As coisas guardadas mostram que é possível viver o carnaval não só nos poucos minutos do desfile na avenida do samba, mas ao longo de todo o ano. Diz respeito às histórias vividas, aos afetos construídos, a convivência dentro dos barracões, no bairro, nas casas dos sambistas, nas reuniões, nas relações sociais. As coisas que circulam animam o mundo social que agita parte da cidade a cada ano.

Ao adentrar na casa dos sambistas entrevistados encontramos, sem surpresa, uma forte relação afetiva com as suas escolas de samba, o que nos levou a pesquisar sobre a história das duas agremiações pesquisadas. Uma delas, o Rancho, tem muitos registros em documentos, livros e outras plataformas. A Império, por outro lado, exigiu um esforço de ouvir as narrativas fundacionais e montar uma versão da história, um esforço inédito como registro desse grupo. A pesquisa, então, se subdivide em duas partes uma voltada para a história das agremiações e a outra que atende ao indicativo de, nesse momento, apresentar os acervos que materializam os esforços de seus componentes na produção de memória.



3º sebra mus

Desenvolvimento

O que fazer com adereços, alegorias, figurinos, fotos, documentos, livros, e outros objetos tantos objetos produzidos anualmente por uma escola de samba? Como lidar com objetos que pertenceram ou representam componentes, fundadores e participantes importantes para o grupo? O poder instigante e mobilizador dessas diretrizes desperta curiosidade e impulsiona o desejo de pesquisar o tema proposto. Os processos sociais de produção de memória que envolvem escolas de samba na cidade de Belém podem ser tomados como objetos de investigação museológica produzindo discussões ricas a relacionar ciência, emoções e materialidades.

Os objetos traduzem a vida de carnaval, viver carnaval, não só nos poucos minutos que atravessa a avenida do samba, mas ao longo de todo o ano na convivência dentro dos barracões, no bairro, nas casas dos sambistas, nas reuniões, nas relações sociais que traz vivacidade, segundo Vinicius Natal (2017), O desfile configura um amplo mundo social que agita e movimenta toda a cidade a cada ano.

Podemos considerar a escola de samba como um espaço de memória, onde o processo de musealização acontece, nos objetos que ganham novos significados e cumpre a tarefa de comunicar e de preservar a memória e salvaguardar o patrimônio cultural material e imaterial. E, expande-se para além do universo dos barracões das escolas e se intensifica e reafirma nas narrativas de memória dos sambistas dentro de suas residências. Nos afirma CHAGAS, (2002) “ O patrimônio cultural da escola de samba é a pessoa, a quadra, a bandeira, o ritmo, o instrumento, a dança, a experiência, a fotografia, a fita, o disco, o vídeo, a casa do amigo, a amizade, o amor e a devoção. O patrimônio é material e espiritual, é móvel e imóvel, é preservado dentro e fora dos sambistas. ”

Como metodologia de pesquisa, realizamos visitas a campo para observação e entrevistas semiestruturadas em duas escolas de samba de Belém: Rancho não Posso me Amofiná e Embaixada Império Pedreirense, situadas no bairro do Jurunas e Pedreira,



3° sebra mus

respectivamente. Ambas escolhidas porque são referências de valor histórico e social dentro do contexto do carnaval. Realizamos 9 (nove) visitas na Escola não Posso me Amofiná e 7 (Sete) na Império Pedreirense, em oportunidades variadas como eventos comemorativos, festas, reuniões de diretoria, entre outras. Durante o processo da pesquisa de campo escolhemos nossos interlocutores mais importantes para a realização de 09 (nove) entrevistas na sede e nas casas de sambistas, além de registros visuais para criação de um banco de dados de imagens. Através das escutas, da vivência e das experiências narradas pelos representantes do universo do samba, começamos a encontrar as primeiras respostas para as indagações levantadas na interface entre museologia e antropologia. Produção de um banco de imagens com fotografias dos acervos das sedes e das casas, foram registrados total de 412 fotografias, sendo 317 do Rancho não posso me amofiná e 95 da Escola de Samba Embaixada da Império Pedreirense. As visitas a campo foram norteadas pela perspectiva etnográfica - que envolve identificação, escuta, vivência e experimentação -, para a produção de dados e narrativas sobre a experiência do samba em Belém e salvaguarda – e musealização particular - dos objetos produzidos para e pelo carnaval. O trabalho de campo na perspectiva etnográfica demandou a aplicação de entrevistas semi-estruturadas e/ou depoimentos com agentes representativos desse universo, apontamentos do diário de campo e registros fotográficos. As entrevistas foram transcritas, alguns dados depurados, outros ainda serão burilados. Foram entrevistados:

- Rosângela Maria do Nascimento – Escola de Samba Rancho não posso me Amifiná, Bairro da Cremação
- Maria da Glória Alexandra Luna – Escola de Samba Rancho não posso me Amifiná, Bairro do Jurunas
- Tiago Aragão Miranda - Escola de Samba Rancho não posso me Amifiná, Bairro do Jurunas
- Ranieri Euclides Franco Lima - Escola de Samba Rancho não posso me Amifiná, Bairro do Cremação



3º sebra MUS

- Gertrude Pereira Viana – Escola de samba Embaixada da Império Pedreirens – Bairro da Pedreira
- Tereza Regina dos Santos Câmara - Escola de samba Embaixada da Império Pedreirens, Bairro da Pedreira
- Help Luna - Escola de samba Embaixada da Império Pedreirens, Bairro da Pedreira
- Terezinha de Jesus Ramos de Araujo -- Escola de samba Embaixada da Império Pedreirens, Bairro da Pedreira
- Márcia Tereza da Costa Franco - Escola de samba Embaixada da Império Pedreirens, Bairro da Marambaia



Imagem: Quadros e troféus exposto na sede da escola de samba Rancho.

Foto: Suzete Fraiha



Imagem: Fantasias e fotografias das sambista de D. Tereza Camara e Ex-porta bandeira Rosângela Dias.

Foto: Suzete Fraiha

Considerações Finais

O movimento que se constrói no universo das escolas de samba durante o processo de preparação para o desfiles das escolas na avenida resulta na produção de diversos objetos materiais como fantasias e adereços, alegorias, enredo, samba enredo e outros elementos para serem expostos por alguns minutos na passarela do samba. Após esse momento os objetos, supostamente perdem sua real função e acabam por ficar as margens dos interesses que moveram a sua construção, mas o que se pode observar que os objetos selecionados ganham vida e novos significados e adentram os espaços expositivos das escolas e da própria casa dos sambistas com a força de rememorar fatos da história que ligam a vida dos integrantes do samba com a dos objetos e com a própria história da escola contribuindo para a permanência do samba na vida cotidiana dos sambista na comunidade carnavalesca. Esse é um processo de a ser tomado como objeto na perspectiva museológica.



3º sebra mus

Referências bibliográficas

CHAGAS, Mário. A Escola de Samba como lição de processo museal. Caderno visual de turismo, Vol.2, Nº 2,(2002).

MILLER, Daniel. Treco, Troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material; tradução: Renato Aguiar.- Rio de Janeiro: Zahar,2013.

NATAL, Vinicius. Memórias e Culturas nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro: Dramas e Esquecimentos. Nova Terra, Rio de Janeiro, 2016.

NATAL, Vinicius Ferreira. Os caminhos da memória no batuque do carnaval carioca. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, V.7, n.2, p.207-215, nov. 2010.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. A Danação dos objetos: O Museu no ensino da História. Disponível em:
http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/a_danacao_do_objeto.pdf
. Acessado em 09/08/2017.